

COMENTÁRIO BÍBLICO

10º Domingo Comum – Ano B

06jun2021

1 Samuel 16,14-23; Salmo 57; II Coríntios 4, 13-5,1

S. Marcos 3, 20-35

²⁰Noutra ocasião, Jesus entrou numa casa e mais uma vez o povo que lá se juntou era tanto que eles nem sequer podiam comer um pouco de pão. ²¹Quando os familiares de Jesus souberam disso foram buscá-lo, pois havia quem dissesse que ele perdera o juízo. ²²Os doutores da lei que tinham vindo de Jerusalém diziam: «Está feito com Belzebu.» Outros diziam: «É em nome do chefe dos demónios que ele expulsa os demónios.» ²³Então Jesus chamou toda aquela gente para junto de si e propôs-lhes estas parábolas: «Como pode Satanás expulsar Satanás? ²⁴Um país dividido em grupos que lutem entre si acabará por se arruinar. ²⁵Da mesma maneira, uma família dividida contra si mesma não conseguirá resistir. ²⁶Ora se Satanás lutar contra si próprio, e o seu reino se dividir, então não resistirá; será o seu fim. ²⁷Ninguém pode entrar na casa dum homem forte e roubar os seus bens sem primeiro o amarrar. Pois só assim poderá roubar a casa. ²⁸Lembrem-se disto: Deus perdoa tudo, tanto os pecados como as palavras contra ele próprio, quaisquer que sejam. ²⁹Mas aquele que cometer ofensas contra o Espírito Santo nunca mais será perdoado. É culpado de pecado eterno.» ³⁰Jesus disse isto por alguns terem afirmado: «Ele está possuído por um espírito mau.»

³¹Entretanto, a mãe e os irmãos de Jesus chegaram ao pé da casa. Não entraram, mas mandaram-no chamar. ³²Havia muita gente sentada à volta dele e alguém lhe disse: «Olha que a tua mãe e os teus irmãos estão lá fora à tua procura.» ³³E ele respondeu: «Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?» ³⁴Olhando à sua volta, para aqueles que estavam ali sentados, disse: «Aqui está a minha mãe e os meus irmãos. ³⁵Pois aquele que fizer a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»

1. A popularidade de Jesus era tamanha, por força das Suas curas milagrosas, que os doentes acorriam em massa e de forma desordenada onde quer que se encontrasse. Isto não parecia bem à sua família que dizia: “enlouqueceu!”. E até, tentou detê-Lo. Por sua vez, os inimigos figadais de Jesus, os escribas e fariseus, consideravam que estava “possuído por Belzebu”. Na linha do que se lê no A.T. «*Tornei-me um estranho para os meus irmãos, um desconhecido para os filhos da minha mãe*» (Salmo 69, 9). E o Evangelista S. João é perentório: «*Nem mesmo os seus irmãos criam nele*» (S. João 7, 5). Jesus era realmente um excêntrico, não porque praticasse excentricidades, mas porque o seu comportamento não se ‘afinava’ pelas regras sociais, morais e religiosas em vigor naquele tempo. Então, para o vulgo “estava fora do centro”, isto é, para lá do que era o modo comum de agir da grande maioria das pessoas, autoridades religiosas incluídas. Porém, podemos dizer que Jesus era realmente um excêntrico, não porque estivesse “fora do centro” mas porque a Sua vida obedecia a um “centro” diferente. Basta lembrar o Seu ensino quando ia sempre para lá do comportamento estabelecido na Lei de Moisés: “podeis ler na Lei isto, mas agora Eu vos digo aquilo”. Na verdade, Jesus trouxe um olhar límpido sobre a pessoa humana, que colocou no centro da Sua *praxis* e mensagem e delas fez o propósito da Sua vida. E isso O levou à morte. Até aí a Sua ‘excentricidade’ se expôs: «*Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem*» (S. Lucas 23, 34).

O Apóstolo Paulo procura comparar a loucura de Deus e a sabedoria dos homens. E conclui: «*o absurdo de Deus é mais sábio do que os seres humanos e o fraco de Deus mais forte do que os seres humanos*» (I

Coríntios 1, 25 – tradução de Frederico Lourenço). E no fim, perante o corpo morto de Jesus pendente na cruz, um general romano, um gentio, confessa rendido: «*Verdadeiramente este homem era filho de Deus!*» (S. Marcos 15, 39). Embora tal declaração não significasse para o declarante o mesmo que para nós, o certo é que os evangelhos sinóticos veem nela o reconhecimento por um gentio (um não crente) da condição sobre-humana de Jesus. Bendita e Santa excentricidade!

2. No salmo indicado para hoje o salmista clama: «*Ó Deus, mostra a tua grandeza no Céu e faz brilhar na Terra a tua glória!*» (Salmo 57, 12). Estaria a pensar certamente numa manifestação esplendorosa da magnificência divina. Um modo de Deus se impor e conquistar o ser humano. Mas não foi esta glória que Deus escolheu. Ireneu, Bispo de Lyon, séc. II, dizia: “*A glória de Deus é o homem vivo*”. O homem que vive e vivencia a presença de Deus no caminho numa existência com sentido. Por isso é que a verdadeira manifestação da glória de Deus na terra se fez na pessoa e vida de Jesus Cristo, o Homem. Hoje somos atraídos por toda uma panóplia de instrumentos e acontecimentos que produzem satisfações efémeras, instantâneas, que conduzem a vidas alienadas e, por vezes, absurdas, sem sentido. Como Miguel Torga podemos dizer “temos tudo, falta-nos o essencial”. Ora, é perante tal situação que se torna essencial ter consciência de que “somos convidados a entrar numa vida que é simplesmente o amor que Deus deseja partilhar connosco” (Carta de Taizé). É esta a glória de Deus. Ser tomados pelo amor de Deus e ‘ver’ as nossas vidas transformadas à medida do espírito com que somos bafejados.

Mas, cuidado, isto não pode ser espiritualidade balofa, tem de ter consequências. Como escreve a monja beneditina americana Joan Chittister: “Estamos tão concentrados na religião que esquecemos a retidão”. Ora, por retidão entende-se a integridade de caráter. Isto é, a vida em Deus, segundo Jesus Cristo, é uma realidade existencial que transforma a pessoa toda e a faz ‘imagem’ da glória de Deus.

3. A leitura do Antigo Testamento de hoje (1 Samuel 16,14-23) apresenta-nos um episódio de grande humanidade. Saul foi eleito rei e assim se instituiu a realeza entre o povo de Israel. Porém, em certa altura da sua vida foi acometido de uma doença, uma espécie de transtorno psiquiátrico que o atormentava com ataques («*o espírito do Senhor tinha-se retirado de Saul*» | Samuel 16, 14). Os seus oficiais aconselharam-no a encontrar alguém que tocasse bem a harpa para que ao ouvir a música na altura das crises se acalmasse. Assim aparece David a tocar para Saul: «*Quando o espírito maligno, da parte de Deus, vinha sobre Saul, David tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele*». O efeito terapêutico da música no espírito humano.

Em termos científicos já não há dúvidas de que a música tem um impacto nas emoções, no comportamento e até na saúde de cada um de nós. Na verdade, quando ouvimos música algo se repercute em diversas áreas do nosso cérebro. A música, como escreve o Maestro português Sequeira Costa, tanto acalma e apazigua como sobressalta e magnetiza, “humaniza, harmoniza e contemporiza.”ⁱ Porém, tenhamos presente que a música pode lavar-nos a alma, serenar-nos em momentos de crise ou de tormento, mas, “não nos torna melhores, quer dizer, não possui o poder de melhorar cronicamente a nossa vida moral, nem implica necessariamente a excelência das virtudes.”ⁱⁱ

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ Sequeira Costa, in “*Poema do Dom*”, “A Música e o inefável”, de Vladimir Jankélévitch, Edições 70, 2018

ⁱⁱ Vladimir Jankélévitch, “A Música e o Inefável”, idem, pág. 134